

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



GUSTAVO MARQUES DA SILVA CASTRO

BURITI PEQUENO: ENCLAVE ENTRE O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO E O FIM DAS COISAS
TODAS

Rio de Janeiro

2024

GUSTAVO MARQUES DA SILVA CASTRO

BURITI PEQUENO: ENCLAVE ENTRE O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO E O FIM DAS
COISAS TODAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Alemão

Orientadora: Profa. Dra. Danielle dos Santos Corpas

RIO DE JANEIRO

2024

FICHA CATALOGRÁFICA**CIP - Catalogação na Publicação**

C355b Castro, Gustavo Marques da Silva
Buriti Pequeno: enclave entre o avanço do
agronegócio e o fim das coisas todas / Gustavo
Marques da Silva Castro. -- Rio de Janeiro, 2024.
42 f.

Orientadora: Danielle dos Santos Corpas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Alemão, 2024.

1. Literatura Brasileira Contemporânea. 2. Paulliny
Tort. 3. Erva Brava. 4. precarização do trabalho. 5.
mudança climática. I. Corpas, Danielle dos Santos,
orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

GUSTAVO MARQUES DA SILVA CASTRO

DRE: 120097214

BURITI PEQUENO:

ENCLAVE ENTRE O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO E O FIM
DAS COISAS TODAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Alemão.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Danielle dos Santos Corpas
UFRJ – Presidente da Banca Examinadora

NOTA: _____

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Pires
UFRJ – Leitor Crítico

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

AGRADECIMENTOS

Na vida é preciso saber duas coisas: o que fazer com o tempo que nos é dado e como pedir ajuda. Então, ficam aqui registrados os meus agradecimentos aos muitos que me ajudaram. O pouco espaço fará com que seja impossível citar todos, pois a ajuda foi de inestimável valia, mas ainda assim deverei me incumbir da missão de tentar.

Primeiro, agradeço ao meu pai querido, José de Ribamar Castro, pela saudade que carrego no peito. Agradeço a minha mamãezinha, Joana Marques, por entender que não se pode deixar de aproveitar a oportunidade de ser quem você realmente é, e por sempre apoiar todas as minhas decisões. Por tabela, agradeço a todos das famílias Marques e Castro, de quem a distância não me separou e que atestam que São Luís é minha casa. Agradeço a minha irmã Mariana e minha prima Anna Karolina, pelo exemplo de estudo que sempre tentei igualar, mas que nunca conseguir nem chegar perto. Agradeço a minha esposa Natália, por me resgatar da parte detestável de mim, por fazer o sol brilhar, por me dar ainda mais vontade de viver, por caminhar ao meu lado e por me acompanhar na empreitada que foi mudar para o Rio de Janeiro, para perseguir nossas ambições acadêmicas e profissionais.

Agradeço à amiga Ana Clara, pelo acolhimento primeiro aqui no Rio de Janeiro. Agradeço a todos os amigos da Licenciatura em Português Alemão, vocês fizeram com que as longas horas de estudo valessem ainda mais a pena e fizeram com que eu, que quase desisti do estudo, fosse feliz de novo na Letras, redescobrando meu sonho de seguir carreira acadêmica. Gostaria de agradecer, em especial, a Alexia e Rebeca que, desde a volta ao presencial, depois dos anos sombrios da Pandemia, até esse finalzinho de curso, me acompanharam em todas as aulas de Alemão e Literatura Alemã. Compartilhamos problemas e alegrias, ajudamos uns aos outros, fizemos nossa pequena turminha, creio que saímos melhores do que éramos. Espero que daqui a muitos e muitos anos, mesmo que separamos pela distância, o tempo, ou as eventualidades da vida, vocês continuam lembrando de mim com gentileza e generosidade. Vou guardar no coração com carinho esse tempo que passamos juntos, que já parece de todo breve.

Agradeço a todos os professores por quem passei na Graduação em Letras da UFRJ, em especial a minha orientadores, Danielle Corpas, pelas ótimas aulas de Teoria Literária III e pela cuidadosa orientação ao longo dos anos, sem a qual esse modesto trabalho não seria possível. Obrigado também por me apresentar ao mundo das leituras

de Literatura Brasileira Contemporânea, inclusive a Erva Brava que é o tema deste trabalho. Agradeço ao professor Carlos Pires, pelas inesquecíveis aulas de Literatura Comparada, que me faziam querer pular da cama o mais cedo possível e chegar logo ao Fundão, para não perder um minuto sequer. Não esquecerei o sopro de vida que foram as falas do Falstaff shakespeariano. Vocês cultivaram ainda mais meu amor pela Literatura, que é o que embebe minha existência de significado.

Gostaria também de agradecer a todos os professores do Setor de Alemão da Faculdade de Letras da UFRJ, cito alguns na impossibilidade de citar a todos. Fica aqui registado o meu muitíssimo obrigado aos professores Álvaro Bragança e Leonardo Vicchi, pelo auxílio ao longo de 2 anos junto da monitoria da disciplina de Literatura Alemã, essa foi uma das melhores experiências que a Letras pôde me proporcionar. Foi através da monitoria de Literatura Alemã I que eu já pude, desde a Graduação, realizar o meu sonho de dar aulas na Universidade, mesmo que ainda poucas, mesmo que ainda breves. Agradeço aos professores também pela ajuda na pesquisa sobre Literatura Alemã, “der Sandmann” é um conto para o qual eu sempre retorno em leitura.

Gostaria de agradecer também ao professor Paulo Gago, pelo exemplo de diligência com seu próprio trabalho, por nos ensinar a aspirar pela excelência sempre e pela presteza com que se dispôs a nos ajudar (Eu, Alexia e Rebeca) quando ficamos sem professor na disciplina de Alemão VII. Gostaria de agradecer à professora Carina Schumann, leitora do DAAD na UFRJ durante vários anos, com quem eu tive a sorte e o prazer de ter tanto a disciplina de Alemão I, quanto a disciplina de Alemão VII. O início e o fim de um ciclo. Obrigado pelas longas conversas e a possibilidade de praticar meu alemão, que ainda precisa melhorar muito, e obrigado pela ajuda com as sessões de escrita e reescrita dos documentos para o Winterkurs 2025. Ajuda essa sem a qual eu não teria conseguido a bolsa para estudar na Universität Freiburg, realizando assim mais um de meus sonhos de longa data, que é viajar para a Alemanha.

A empreitada da Letras UFRJ foi árdua, mas creio que a pude cumprir com excelência. E que bom que eu me dispus a fazer isso, minha vida seria um tanto mais triste caso eu não o tivesse feito. Talvez eu não tivesse reencontrado quem eu sou. Não sei aonde a vida vai me levar em seguida, espero que para um lugar bom como a Letras foi comigo, mas tenho certeza de que vou sentir saudades... Enfim, de mais eu não sei. Vou, mas fica uma parte de minh'alma junto da Letras, talvez seja eu derrubando mais uma folhinha das árvores que assomam altas entre os blocos F e H.

EPIGRAFE

Sunday morning

(...)

Is there no change of death in paradise?
 Does ripe fruit never fall? Or do the boughs
 Hang always heavy in that perfect sky,
 Unchanging, yet so like our perishing earth,
 With rivers like our own that seek for seas
 They never find, the same receding shores
 That never touch with inarticulate pang?
 Why set the pear upon those river-banks
 Or spice the shores with odors of the plum?
 Alas, that they should wear our colors there,
 The silken weavings of our afternoons,
 And pick the strings of our insipid lutes!
 Death is the mother of beauty, mystical,
 Within whose burning bosom we devise
 Our earthly mothers waiting, sleeplessly.

(...)

Wallace Stevens

CASTRO, Gustavo Marques da Silva. **Buriti Pequeno: enclave entre o avanço do agronegócio e o fim das coisas todas**. Monografia de conclusão de curso (Graduação: Licenciatura em Letras Português-Alemão) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 42. 2024.

RESUMO

O trabalho discute dois contos do livro *Erva Brava*, da autora brasileira Paulliny Tort. Primeiro, investiga os impactos que o protagonismo de um personagem em situação de precarização do trabalho tem nos aspectos formais da narrativa ficcional “Má sorte”. Para isso, são levadas em conta as reflexões presentes nos livros *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary, e *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*, de Mark Fisher, em especial aspectos vinculados à ruptura das barreiras que outrora existiam entre trabalho e repouso, dias da semana e final de semana, dia e noite, vigília e sono, que ocasiona o perene cansaço de que é acometido o protagonista, que resta capturado por um estado de perene desatenção. Depois, o objetivo é investigar em que medida a narrativa do conto “Rios Voadores” pode ser interpretada como a construção de um microcosmo que reconta a hecatombe ambiental da mudança climática terrestre enquanto resultado do Antropoceno. Ou seja, o evento de extinção em massa levado a cabo pela espécie humana e sua insistência na sociedade industrial gerida pelo modo de produção capitalista. Nota-se que o elemento que mais se destacada, enquanto personagem, é o próprio Dilúvio, que se apresenta como evento disruptivo, que nos faz, enquanto leitores, ter uma visão mais abrangente e panorâmica dos acontecimentos narrados. Para nos auxiliar nas reflexões a esse respeito, selecionamos alguns textos de apoio: *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*, de Jonathan Crary e *Enfrentando o Antropoceno: capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre*, de Ian Angus.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea, Paulliny Tort, Erva Brava, precarização do trabalho, mudança climática.

CASTRO, Gustavo Marques da Silva. **Buriti Pequeno: enclave entre o avanço do agronegócio e o fim das coisas todas.** Monografia de conclusão de curso (Graduação: Licenciatura em Letras Português-Alemão) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 42. 2024.

ABSTRACT

In diesem Beitrag werden zwei Kurzgeschichten aus dem Buch *Erva Brava* der brasilianischen Autorin Paulliny Tort besprochen. Zunächst wird untersucht, welche Auswirkungen der Protagonismus einer Figur in einer prekären Arbeitssituation auf die formalen Aspekte der fiktiven Kurzgeschichte „Má sorte“ hat. Dabei werden die Überlegungen berücksichtigt, die in den Büchern *24/7 Late Capitalism and the Ends of Sleep* von Jonathan Crary und *Capitalist Realism: Is it easier to imagine the end of the world than the end of capitalism?* von Mark Fisher zu finden sind, insbesondere die Aspekte, die mit der Auflösung der einstigen Grenzen zwischen Arbeit und Ruhe, Wochentagen und Wochenenden, Tag und Nacht, Wachsein und Schlaf zusammenhängen, was die ständige Müdigkeit des Protagonisten verursacht, der in einem Zustand ständiger Unaufmerksamkeit gefangen bleibt. Als Nächstes soll untersucht werden, inwieweit die Kurzgeschichte „Rios Voadores“ als Konstruktion eines Mikrokosmos interpretiert werden kann, der von der Umweltkatastrophe des terrestrischen Klimawandels als Folge des Anthropozäns erzählt. Mit anderen Worten, das Ereignis des Massensterbens, das von der menschlichen Spezies und ihrem Beharren auf der industriellen Gesellschaft, die durch die kapitalistische Produktionsweise gesteuert wird, verursacht wird. Es ist anzumerken, dass das Element, das am meisten hervorsteht, die Sintflut selbst ist, die als ein unterbrechendes Ereignis dargestellt wird, das uns als Lesern einen umfassenderen und panoramischen Blick auf die erzählten Ereignisse ermöglicht. Um darüber nachzudenken, haben wir einige unterstützende Texte ausgewählt: *Scorched Earth: Beyond the Digital Age, Towards a Post-Capitalist World*, von Jonathan Crary und *Facing the Anthropocene: Fossil Capitalism and the Crisis of the Earth System*, von Ian Angus.

Schlüsselwörter: Zeitgenössische brasilianische Literatur, Paulliny Tort, *Erva Brava*, Arbeitsplatzunsicherheit, Klimawandel.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A AUTORA: PAULLINY TORT	12
1.1	O livro: Erva Brava	12
2	A MÁ SORTE QUE POR SOBRE NÓS SE ABATE	16
2.1	Soterrado em soja	17
2.2	Temporalidade homogênea do capitalismo tardio	18
2.3	A propósito das parabólicas	22
3	O MICROCOSMO DA MUDANÇA CLIMÁTICA NO ANTROPOCENO EM RIOS VOADORES	24
3.1	Rios voadores: a tempestade que a tudo arrasta	24
3.1.1	<i>O Dilúvio enquanto personagem</i>	26
3.1.2	<i>As evidências textuais da personificação do Dilúvio</i>	28
4	COMO PODE SER DEFINIDO O ANTROPOCENO?	31
4.1	A Grande Aceleração	33
5	ZEZINHO E A INDIGÊNCIA DE TODOS NÓS	35
5.1	Não há redenção: o ponto de não-retorno e a impossibilidade de salvamento	36
	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo se debruçar sobre o volume de contos intitulado *Erva Brava*, de autoria da escritora brasileira Paulliny Tort. O escopo deste trabalho é, sobretudo, evidenciar o estabelecimento de duas vertentes no volume de contos, quais sejam: as temáticas da precarização do trabalho e da mudança climática. Isso se dará, em relação à primeira temática, a partir da leitura e análise do conto “Má sorte”, que versa sobre as condições aviltantes em que ocorre o trabalho em lavouras da monocultura de soja, pertencente ao agronegócio da região Centro Oeste do Brasil. Quanto à segunda temática, isso se dará a partir da leitura e análise do conto “Rios Voadores”, abordando, portanto, as repercussões catastróficas da ação do homem, sob a égide do modo de produção capitalista, no sistema climático planetário e suas eventuais consequências para as populações em situação de maior vulnerabilidade. Sendo assim, persiste a questão: a precarização do trabalho e a mudança climática são temas relevantes no âmbito da Literatura Brasileira Contemporânea?

Para alcançar esses objetivos, será realizada uma revisão de literatura sobre o tema, abrangendo análises sociológicas de renomados autores tais como Jonathan Crary, Mark Fisher e Ian Angus. Além disso, serão utilizados dados qualitativos para embasar as análises e conclusões presentes no corpo do texto deste trabalho. As principais vertentes de investigação que se pretende desenvolver são, a respeito do conto “Má sorte”, em que medida a caracterização do protagonista, o trabalhador-você, só pode se dar num mundo em que a temporalidade homogênea do capitalismo tardio é realidade cotidiana. A respeito do conto “Rios Voadores”, a investigação se desenvolverá também a partir da personificação do personagem Dilúvio, que apesar de ser uma das repercussões da mudança climática, adquire trejeitos humanos e se desloca no espaço físico da cidade ficcional de Buriti Pequeno.

Cabe ressaltar que o presente trabalho monográfico é resultado de uma pesquisa mais extensa, feita ao longo dos últimos dois anos. Foram apresentados dois trabalhos prévios a respeito destes mesmos dois contos. O primeiro, intitulado “Só um acidente: o protagonista em situação de precarização do trabalho no conto ‘Má sorte’, de Paulliny Tort”, foi apresentado na SIAC (Semana de Integração Acadêmica da UFRJ) 2023. Já o segundo trabalho, intitulado “Buriti Pequeno: o microcosmo da mudança climática no Antropoceno em ‘Rios Voadores’ de Paulliny Tort”, foi apresentado na XLV

JICTAC (Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural) 2024.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: no Capítulo I, será feita uma breve apresentação da autora, bem como da estrutura do livro de contos, pontuando os que são trabalhados mais detidamente, além de uma menção honrosa. No Capítulo 2, será realizada a análise e interpretação crítico-literária do conto “Má sorte”, focando nos aspectos de precarização do trabalho e na inclusão do leitor como parte do personagem protagonista. No Capítulo 3, será realizada a análise e interpretação, com cunho de crítica literária, do conto “Rios Voadores”, focando nos aspectos da mudança climática bem como da personificação do Dilúvio e seu deslocamento físico no espaço da cidade ficcional de Buriti Pequeno. No Capítulo 4, proceder-se-á pela explicação dos conceitos correlatos de Antropoceno e Grande Aceleração. Por fim, Capítulo 5, será abordada a simbologia do personagem Zezinho, enquanto participante da ação no conto “Rios Voadores”, bem como o destino derradeiro de Buriti Pequeno.

1. A AUTORA: PAULLINY TORT

Logo de início é preciso fazer uma breve introdução à autora. Paulliny Tort, escritora brasileira, não é lá tão conhecida do grande público, mas tem ganhado notoriedade. Ela é jornalista de formação e, também, mestre em Comunicação pela UnB – Universidade de Brasília. Estreou na literatura em 2016, com o romance *Allegro ma non troppo*, publicado pela Editora Oito e Meio, tendo sido selecionado como semifinalista do prêmio Oceanos, uma das maiores premiações literárias para textos escritos em língua portuguesa.

1.1 O livro: *Erva brava*

Os dois textos de que iremos tratar com maior detalhe no escopo do presente trabalho fazem parte do primeiro volume de contos de Paulliny Tort, intitulado *Erva Brava*. Uma das primeiras publicações da, à época (2021), recém-fundada Editora Fósforo. A coletânea de doze contos foi selecionada como um dos livros finalistas do prêmio Jabuti de 2022, a maior comenda literária do Brasil; bem como foi laureada no ano de 2021 com o prêmio da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes.

Por óbvio que não é empreitada factível tratar dos doze contos com a minúcia necessária e, apesar de não haver tanta fortuna crítica acerca desta *Erva Brava*, é certo que podemos nos valer dos ensinamentos da professora Stefania Chiarelli, em sua resenha crítica intitulada “Um cerrado de contrastes”, publicada no suplemento literário *Rascunho*. Texto este no qual ela sobrevoa os contos, identificando aqueles que mais saltam aos olhos sob o ponto de vista temático:

O quase sufocamento nos grãos em silo de soja, a parteira que socorre mulheres no mato ermo, a mãe que rememora o último adeus da filha morta, a percepção da natureza arruinada pela enchente – todos são momentos dramáticos, no âmbito individual ou coletivo, surpreendidos pela autora no volume (CHIARELLI, 2022, p.2).

A propósito, nesse trecho aqui colacionado, a autora menciona os dois contos que serão trabalhados mais detidamente na presente monografia. Quais sejam: “Má sorte” e o “quase sufocamento nos grãos do silo de soja”; e “Rios voadores” e “a percepção da natureza arruinada pela enchente”. Há, contudo, um terceiro conto que, por demonstrar a riqueza da ficção da Paulliny Tort, vale a pena mencionar: “Como nascem os sinos”. Um antigo sineiro se incumba da missão de passar adiante seu ofício ao sobrinho-neto, que mesmo pela idade, além do tédio e da apatia características da adolescência, se faz presente única e exclusivamente em razão da merreca (uma nota de dez ou de vinte reais) que lhe é dada em troca do esforço de ouvir as palavras vãs de alguém que tenta lhe ensinar algo cujo tempo já passou.

“E pouco importa que não tenha ritmo (...), se for preciso, Tônico repetirá com o aprendiz cada dobre e cada repique (...), até sangrarem as mãos, até falharem os dedos, até que o aprendiz aprenda, porque alguém precisa aprender” (TORT, 2021, p. 24). É assim que Paulliny Tort descreve o ímpeto, a perseverança e o ânimo de seu Tônico para ensinar o jovem aprendiz, para passar adiante o ofício de sineiro, a arte do toque do sino. Antes que desapareça de vez, antes que já não haja quem ensine, nem quem esteja disposto a aprender.

A esse respeito vale elaborar alguns comentários. Esse conto que versa sobre o sineiro é bem icônico dentre a constelação de contos que Paulliny Tort acaba por tecer neste volume, sobretudo por evocar esta imagem que percorre o volume de contos por inteiro: o desaparecimento das coisas todas. A ânsia de se tornar cada vez mais árido,

inóspito, menos povoado, menos humano. Esse lugar, Buriti Pequeno, quer ser esquecido e o destino haverá de conceder-lhe exatamente este tão almejado desejo.

A autora perpetra esse sentimento de desesperança nos corações dos leitores ao pô-los frente a frente com uma pessoa cuja emergência atual, a situação que deve resolver com a maior das urgências, é passar adiante a profissão que aprendeu, de sineiro, para a próxima geração, nem que seja para uma única pessoa, um aprendiz, por mais inepto que possa ser. E que agora, a partir de então, estará incumbido da missão de perpetuá-la. Temos aqui, portanto, um apelo à ideia de legado, de tentar perpetuar algo que ainda se teima em não perceber que já se foi para nunca mais voltar.

Imaginemos, apenas por um instante, ser essa uma Terra não morta, em que a vida salta exultante. Uma primavera profunda, em que flores exuberantes exalam um perfume de frescor fragoroso, em que estas mesmas flores são polinizadas por abelhas enormes que, zumbindo, passam apressadas logo ao nosso lado, como borrões auri-negros. Uma Terra pela qual vale a pena lutar e na qual vale a pena viver. “Peitos fartos, filhos fortes”, mãe gentil (ANTUNES, 2017). Fertilidade enfim, uma Terra fecunda, fecundada.

Há um senso de legado cifrado aqui, isto é certo. É este o sentimento que a autora pretende despertar: legar uma luta já perdida, uma luta em vão. Legar uma profissão que, para todos e mesmo para si, está prestes a evadir-se da existência. Ou seja, o sineiro quer prolar o prazo do desaparecimento, revogar o esquecimento, o pó dos ossos calcinados, adiar a extinção. Afinal, não o queremos todos?

E seu Tônico reconhece a futilidade do próprio ato, até mesmo em razão da igreja ter substituído o trabalho dele, sineiro, por cornetas e uma caixa de autofalantes, que agora replicam o som dos sinos sempre que desejável for, a fim de que não seja mais necessário subir a torre do campanário para tocar e repicar os pesados e nada práticos sinos. É sabido que sinos são verdadeiros pesos mortos.

Nada mais importa, a única tarefa que resta àquele homem é tentar fazer com que os fragmentos de conhecimento e memória que carrega consigo não sejam jogados no limbo do esquecimento por toda eternidade. Ele precisa perpetuar sua arte, parte de quem é. Alguém, não importa quem, precisa se apropriar daquele conhecimento, tomá-lo para si.

O que nos faz deparar com uma situação inusitada. Advogamos aqui em favor da ideia de que é pretensão da autora que os leitores tenham a seguinte imagem em relação à *Erva Brava*: essas histórias, que ela se incumbiu da missão de contar, em verdade o volume de contos por inteiro, estão fadadas a desaparecer e serem esquecidas. O modo de vida da gente de Buriti Pequeno, seja com a expansão do agronegócio, seja em razão das repercussões da mudança climática, está com os dias contados.

Buriti Pequeno, enquanto cidade, tem prazo de validade. Ou seja, haverá de impreterivelmente desaparecer; logo que possível, assim que achar por bem poupar o tempo de todos os interessados. Desta feita, o desfile que se interpõe diante dos olhos dos leitores à medida que os contos vão se enfileirando em sequência, é o de formas de vida e modos de viver, que estão de todo igualmente ameaçados.

Seja pela presença perene do agronegócio predatório que impera por sobre o Centro Oeste brasileiro, como se pode observar a partir da leitura de “Má sorte”; seja as profissões que não tardarão a acabar, pois relegadas a outro tempo passado e tidas por obsoletas, assim como as pessoas que as empunham, que é a situação retratada em “Como nascem os sinos”; seja a própria cidade em si, engolida pelas águas da mudança climática e suas repercussões, evitáveis ou não, como no conto que fecha o volume, “Rios voadores”.

Complementando a constelação que compõe a *Erva Brava* de Paulliny Tort, temos um cortejo dos trágicos fracassos da experiência humana, que desfilam diante de nossos olhos incrédulos:

O assunto é sempre gente derrotada, no amplo espectro desse processo. Jovens viciados em crack, a mãe deficiente que perdeu a filha menina para a fazendeira que a levou para a cidade grande, o jovem que consegue uma moto velha emprestada para namorar, a velha benzedeira que amalgama catolicismo com bênçãos afro-americanas, um velho camponês isolado. Até a esposa do prefeito, típica desse mundo de SUV, ecocídio, e indiferença social, é uma perdedora, com seu patético sonho de enfeitar a cidade com os pombos que viu em cidades grandes (FISCHER, 2021, p. 2).

Ao fim e ao cabo, o cenário que Paulliny Tort pinta para o leitor é desolador. Repleto de cores esmaecida, desbotado. A aridez e o pó se unem para dar forma à derrota do espírito humano, em histórias que, ao invés de inspirar, abatem quem as lê. Estes

breves escritos machucam fundo, causando um incômodo que se protraí pelo tempo e imprime uma marca indelével em nossos corações.

2. A MÁ SORTE QUE POR SOBRE NÓS SE ABATE

Para a melhor compreensão do conto “Má sorte”, e das meditações que a partir dele surgirão, é importante fazer uma síntese de seu enredo. E é com o que acreditamos ser uma espécie de “exposição de motivos” que a autora decide iniciar a ação do conto: “Você diz que é domingo. E domingo é bom porque ganha mais. Não muito, mas melhor que dia de semana. A mãe ergue as sobrancelhas, se é assim, então vá, filho. Sentada na mesa da cozinha (...) ela interrompe o debulhar do feijão para lhe dar a benção” (TORT, 2021, p. 30).

Pois bem, você (que além de leitor é também protagonista, a essa altura ainda inominado, do conto) principia por justificar para sua mãe o porquê de estar indo trabalhar no domingo, o dia da semana que a grande maioria das pessoas guarda para o descanso. “Porque ganha mais”, não muito mais, é claro, mas um pouco mais do que a mixaria que lhe é devida por trabalhar os dias da semana. Você não é daquele tipo de trabalhador que ganha o bastante para se dar ao luxo de descansar. Ora, o motivo, como não poderia deixar de ser num mundo assombrado pelo capitalismo tardio, que pressiona o trabalhador por melhor desempenho às custas de seus dias de descanso e, por tabela, de sua saúde física e mental, é compensação financeira imediata. A recompensa pelo seu desespero. Uma família que vive de pagamento em pagamento como a sua, superendividada, com um orçamento apertado em que não sobra dinheiro algum para guardar no fim do mês, tem no trabalho exaustivo e ininterrupto a única alternativa de sobrevivência.

Quando o trabalhador-você chega à fazenda, os portões lhe são abertos, como se gente importante você fosse; para que então, logo em sequência, as ordens do administrador fossem verbalizadas. A rigor, o administrador é trabalhador também, mas não da mesma casta dos vocês que fazem o grosso do trabalho braçal. A diferença evidente está na alvura das roupas do administrador, sempre bem arrumadas. A única coisa que o aproxima do trabalhador-você é que há uma camada fina de poeira sempre presente em sua bota. Ele é estudado, isto é certo, ao menos mais estudado que você, mas não é um engratado que nem poeira por debaixo dos sapatos tem. O administrador é uma espécie de capataz, ele dá as ordens, cabe a você acatá-las.

Eis as ordens: desentupir o silo de soja, aquela espiga metálica prateada e enorme, que se destaca brilhante em meio ao deserto verde que são as plantações da monocultura de soja, que se estendem ao redor. Com a umidade da chuva dos dias anteriores, os grãos grudaram-se uns aos outros e fizeram com que o sistema de escoamento dentro dos próprios silos ficasse inoperante. A chuva não traz só boas notícias. Contudo, as toneladas de grãos se impõem no ambiente quente e fechado do interior do silo. Alguém deve desentupi-lo. Assim, você e mais dois dos trabalhadores-como-você adentram aquele espaço insalubre, sem qualquer Equipamento de Proteção Individual.

Então, num momento de descuido – segundos apenas, em que pensava na parabólica que tanto queria para não mais ter que apenas ouvir os jogos de futebol no rádio, e poder equiparar a sua experiência futebolística àquela que os colegas de trabalho tinham, eis que o trabalhador-você desliza para dentro do mar de grãos, como se areia movediça fosse; restando apenas sua cabeça de fora. O seu tórax está todo encoberto pelo mar de grãos, você sofre com a compressão, é difícil respirar enquanto seu peito é esmagado lentamente pelo rearranjar dos grãos.

2.1 Soterrado em soja

Você está soterrado em soja.

Os companheiros, trabalhadores-como-você, tentam salvá-lo. Sem sucesso. Pedem socorro e logo depois abandonam você dentro do silo, com medo de sucumbirem também por sobre a força das ondas do mar de soja. O fim é iminente, até que seu pé encontra um apoio mínimo, a marca de solda na parede do silo, o suficiente para que você consiga, ao invés de afundar por completo, manter a cabeça acima das ondas de grãos que lambem seu rosto. Ainda há ar dentro de você.

Num átimo de desespero, você pensa já terem os companheiros desistido de você, mas eles não te abandonam, e voltam sim com ajuda. A ajuda, entretanto, é formada apenas por outros trabalhadores que, como você, também labutam na fazenda. A ajuda resume-se à tentativa de jogar alguns poucos objetos, como cordas e tábuas de madeira, para que você tente agarrá-los e neles consiga se segurar. Mas suas mãos estavam também soterradas. Mais uma tentativa de salvamento frustrada.

Eis que chega o verdadeiro resgate: o Corpo de Bombeiros. Colocam uma máscara de oxigênio no trabalhador-você, amarram cordas para puxar você, para que mesmo depois de seu pé já ter soltado daquela mínima marca de solda na parede do silo, ainda assim você não escorregue nem suma por debaixo dos grãos de soja. Depois de algum tempo, os bombeiros anunciam a única solução possível: fazer um buraco no metal da parede do silo, deixando assim que a soja escorra, até que a pressão que se fazia por sobre seu peito arrefeça.

Quanto às repercussões dessa única solução possível, o narrador explicitou muitíssimo bem:

Você não sabe, mas abrir a parede de um silo, fazer um furo nela, não é fato qualquer. Estragarão o silo, a soja escorrerá para a terra, são perdas que patrão nenhum deseja. O administrador, relutante, ouviu os argumentos – é imperioso reduzir a pressão sobre seu corpo ou não poderão retirá-lo com vida – e a autorização saiu assim, a contragosto, mas saiu (TORT, 2021, p. 35).

Por fim, os bombeiros de fato conseguem resgatar o trabalhador-você, e só na última linha do conto é que o personagem principal, que é você, é nomeado, quando quase já se achava ser você mesmo um trabalhador qualquer e inominado, pois você bem que podia ser, em verdade, qualquer um de nós leitores que porventura também já nos encontramos numa situação de trabalho precarizado. Eis então que o trabalhador-você: “Apenas reconhece seu nome quando dizem: Ezequiel, tá perto de acabar” (TORT, 2021, p. 36).

2.2 Temporalidade homogênea do capitalismo tardio

Feitas essas considerações acerca do que se narra no conto em si, é preciso agora mergulhar de cabeça na profundidade teórica dos outros textos que serão mobilizados. A saber, *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary; *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han; e *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*; de Mark Fisher.

A começar pelo que chamamos aqui de “temporalidade homogênea do capitalismo tardio”. Primeiro, é preciso conceituar brevemente o que vem a ser capitalismo tardio. Com a queda do Muro de Berlim em 1989 e a dissolução da União Soviética em 1991, chega ao fim a Guerra Fria, estado de coisas bipolar que contrapunha

duas superpotências econômicas e militares e que ditou a tônica da geopolítica pela maior parte da segunda metade do século XX. Do ponto de vista subjetivo, o capitalismo tardio talvez possa ser caracterizado por uma única e simples frase, atribuída a Margaret Thatcher, quando ocupava o cargo de primeira-ministra britânica na década de 1980: “não há alternativa”. E não há alternativa a quê? Ao modo de produção capitalista (FISHER, 2023).

Com o suposto “fim da história” alardeado por Francis Fukuyama, o comunismo havia perdido o embate de cosmovisões e já não havia horizonte revolucionário ou utópico que pudesse se sustentar na mente das pessoas. O capitalismo vencera, ou assim era dito, e mesmo que as iniquidades inerentes a esse modo de produção ficassem nada menos que evidentes nas décadas que se sucederam, já adentrando o século XXI, por não haver (ou mesmo se aventar) qualquer mínima organização política que verdadeiramente desafiasse a hegemonia do sistema, o capitalismo passa a ser tido como a única alternativa possível e viável. Pode-se afirmar que, em geral, o capitalismo tardio se caracteriza por neoliberalismo, incentivos ao livre mercado, estado mínimo, políticas de austeridade fiscal, arrocho salarial, retirada ou flexibilização de direitos trabalhistas e previdenciários da classe trabalhadora, etc.

Essas considerações são ponto fulcral para o que desejamos sustentar em termos argumentativos. É pelas relações trabalhistas atuais obedecerem à “temporalidade homogênea do capitalismo tardio” que o protagonista de “Má sorte”, o trabalhador-você, tem que ir trabalhar no domingo.

A temporalidade convencional foi rompida. Ou seja, o encadeamento de fatos que é narrado em “Má sorte” só é possível sob a égide da “temporalidade homogênea do capitalismo tardio”, que elimina barreiras entre categorias que eram opostas entre si, ou mesmo complementares. Como por exemplo, o tempo de trabalho e o tempo de descanso, dedicado à vida privada, representado no conto pela ação da mãe, que cuida da alimentação da família e está debulhando feijão na cena inicial. Ao final, conclui-se que tudo é visto através do mesmo prisma irreduzível de homogeneização.

E quais as repercussões práticas disso? Já não há diferença entre dia e noite, dia da semana e final de semana, dia útil e feriado. A urgência do trabalho, que a todo momento precisa ser realizado numa repetição sem fim, se sobrepõe e engole todas as coisas. Já não há ritual coletivo ou festa comunitária em que todos se deem uma folga do

trabalho e se utilizem do tempo para atividades compartilhadas, já não há dia sagrado que deve ser guardado, já não há momento que seja separado apenas para o descanso. Os espaços públicos – sob ataque – são murados, as experiências que não são passíveis de serem mercantilizadas retrocedem, tímidas diante de tanto consumo. Tudo se constrói, só para que seja posto abaixo logo depois, nada é eterno, as coisas não são feitas para durar, já não há outra dimensão de futuro que não seja o imediato, o que está ao alcance das mãos. Já não há tempo de descanso, já não há tempo em que não se ouça o tiquetaquear do relógio. Já não há mais momento em que o ócio se apodere de nossos corpos e em que o silêncio possa ser cultivado, já não há mais tempo para não fazer nada (CRARY, 2021).

Mas o trabalhador-você não é de todo ingênuo. Pelo contrário, a profusão de interrogações que se pode observar ao longo do texto evidenciam que ele chega sim a se questionar acerca de sua condição de exploração, de sujeito alienado do produto e do significado de seu próprio trabalho, ele tem consciência de sua falta de alternativa. Enfim, ele percebe que trabalha numa condição de precarização: “Quantas vezes a mãe já não disse que essa vida é malsã? Que o melhor é você trabalhar duro, terminar os estudos, pensar em um emprego na cidade. Mas será?” (TORT, 2021, p. 32).

E a partir daí já prossegue o trabalho, pisoteando os grãos para que se desprendam um do outro e para que o silo seja então desentupido. Ele não chega de fato a tentar modificar sua realidade, afinal não há tempo. É preciso trabalhar. Qualquer folha verde dessa coisa estranha chamada pensamento deve ser ceifada rente ao chão antes que cresça o bastante para espalhar seus galhos. Se houvesse mais tempo, despertaria por completo para o estado de coisas que o rodeia, mas é preciso trabalhar, é preciso continuar trabalhando, até sábado, domingo, feriado. Para que então talvez consiga comprar uma parabólica e possa usufruir dum mínimo de lazer junto aos colegas de trabalho, outros trabalhadores-como-você.

Conclui-se, portanto, que a temporalidade homogeneizadora do capitalismo tardio produz um estado de coisas alheio ao descanso. Todo momento é trabalhável, o importante é que o trabalhador se mantenha em movimento. Assim, já que o trabalhador-você está indo trabalhar no domingo, porque o que se paga no dia de semana não foi o suficiente para garantir sua subsistência material mínima, há que se supor também que ele tenha trabalhado todos os outros dias dessa mesma semana, de segunda à sábado. Há um cansaço pressuposto que permeia as ações do conto. Ou seja, a ideia a favor da qual estamos aqui advogando é a de que há um cansaço entranhado na narrativa desse conto,

um cansaço latente de que nem mesmo o protagonista se dá conta até um momento de ruptura.

E esse momento de ruptura é a experiência de quase morte que o trabalhador-você teve antes que seu resgate fosse completado pelos bombeiros:

O oxigênio entra adocicando os pulmões. Traz sono, conforto, lassidão. Passa pela sua cabeça que talvez você esteja morrendo. Será? Não pode ser. Morrer é mais difícil. Já viu os bichos que morrem, como agonizam, como choram antes mesmo da primeira pancada, a morte é uma sombra que se anuncia. Não é esse cansaço, não. Morrer é outra coisa. Você está quase, quase adormecendo, vai morrer? Não, vai só dormir, é muito, muito cansaço... (TORT, 2021, p. 35 e 36).

Voltamos nossa atenção à palavra “cansaço”. Antes desse momento não houvera qualquer menção anterior a essa palavra e cremos ter sido essa uma escolha proposital da autora. Ao não incluí-la até então, o que se percebe é que ao ressaltar a presença de “muito, muito cansaço” ao final do resgate, a pretensão da autora é associar o cansaço sentido em razão do acidente (por ter o protagonista ficado longo tempo preso por debaixo da soja) ao cansaço acumulado pelos dias ininterruptos de trabalho.

O cansaço do trabalhador-você é como uma epifania. Sua ausência nas primeiras páginas do conto só faz com que sua presença nas entrelinhas seja ainda mais forte quando o narrador o evoca. É como se, num passe de mágica, o narrador materializasse o cansaço no conto por inteiro. E o leitor sente seu peso nesse momento da leitura. Os ombros se abaixam, as costas arqueiam, como se você mesmo, leitor, percebesse o fardo que está carregando. O cansaço é o elemento que amarra o conto e lhe confere unidade. Eis a sequência de ações: sem o cansaço acumulado da semana de trabalho exaustivo em troca de quase nenhuma recompensa, o trabalhador-você não teria ido trabalhar no fatídico domingo. Se não estivesse cansado e, por isso, devaneando sobre a parabólica, talvez o acidente não tivesse acontecido. Se o acidente não tivesse acontecido, o cansaço latente, que respinga no conto por inteiro, não teria sido evidenciado como tal.

Assim, é curioso perceber que o trabalhador-você só se dá conta de que há nele cansaço acumulado quando tem uma experiência de quase-morte. É ao perceber que não está morrendo, e mesmo por ter confundido o que sente com a morte, que o protagonista se dá conta de que está cansado. Não morri, mas o que é essa coisa parecida

com a morte? É cansaço, muito cansaço. Foi preciso que ele quase cessasse de existir para perceber o tormento de sua própria existência. É quase como se o tempo que passou por debaixo da soja fosse o tempo de que precisava para se dar conta de sua condição de trabalhador precarizado. Trabalhar no capitalismo tardio é viver não vivendo, é ser não sendo, é cansar quase morrendo.

2.3. A propósito das parabólicas

As antenas parabólicas são a chave para entender o contraste da imagem dos dois Brasis que se evidenciam e se opõem nos contos ambientados na modesta Buriti Pequeno. Elas são o ponto de contato entre um Brasil esquecido em sua profundidade verde, seja de lavoura, seja de selva, e um Brasil reluzente da modernidade que deve ser imposta e que, para a maioria (talvez não populacional, mas ao menos territorial do Brasil), só se vê pela televisão. Um Brasil fraturado forma dois Brasis quase que irreconciliáveis. Um a antítese do outro, um o antídoto do outro.

Elas, as antenas parabólicas, trazem as notícias de um mundo distante daquele que se vive em Buriti Pequeno, mas que em muito guia as ações dos personagens. Em específico do trabalhador-você que é protagonista de “Má sorte”. A razão pela qual ele se convence a ir trabalhar no domingo é conseguir comprar uma antena parabólica para, por fim, poder assistir os jogos de futebol televisionados. Como se ele precisasse de convencimento, tendo em vista que a necessidade é o maior dos convencimentos de que se pode precisar.

Os contos que perfazem o todo desta *Erva Brava* de Paulliny Tort são ambientados na ficcional Buriti Pequeno, cidade do interior de Goiás, pequena em tudo como o nome já diz. Cidade esta que tem que conviver com as contradições geradas pela presença do agronegócio predatório reinante na região Centro-Oeste do Brasil. A respeito desses contrastes, que nascem em virtude da discrepância entre aquilo que se vê nas imagens das televisões fornecidas pelas parabólicas e as vicissitudes da vida em Buriti Pequeno, a professora Stefania Chiarelli, em sua resenha intitulada “Um cerrado de contrastes” tem uma contribuição ímpar a fazer. Senão vejamos:

Por meio de uma linguagem precisa, Tort explora o pertencimento a um Brasil profundo em *Erva Brava*. Mas não se trata apenas de uma mirada nostálgica sobre o passado, no lamento do tempo perdido; Buriti Pequeno é um lugar de

contrastes. De um lado, o interior impregnado de referências do sertão mítico, marcado pela religiosidade sertaneja e por matrizes culturais em constante entrecruzamento. De outro, a modernização e suas garras. A ambiência se dá, portanto, entre preces e conhecimentos tradicionais e as parabólicas que capturam um universo inteiro a invadir os pobres casebres (CHIARELLI, 2022, p. 2).

Os sucessivos governos do PT (Partido dos Trabalhadores), que se enfileiraram nessas duas primeiras décadas do século XXI, garantiram algo à parcela mais substancial da população brasileira, algo que ela nunca tinha experimentado antes. O acesso a bens duráveis de consumo. Com a estabilidade da moeda herdada pelo sucesso do Plano Real, as classes mais empobrecidas e vulneráveis da população começaram a ter acesso a bens de consumo duráveis, como: geladeiras, fogões, máquinas de lavar roupa, micro-ondas, etc. Até mesmo um carro novo, com preços acessíveis, era possível comprar. Ou quem sabe realizar o sonho da casa própria, quitando um apartamento vendido a preço de banana e financiado a perder de vista pela Caixa Econômica Federal num dos feirões do Programa Minha Casa, Minha Vida. Tudo isso se deu no âmbito do Brasil urbano e foi, como cremos ser acertado, considerado como um grande avanço social.

Já no Brasil rural, por sua vez, esfera de influência de que nossa ficcional Buriti Pequeno faz parte, pode-se acrescentar um item muitíssimo importante a essa lista de utensílios do lar que compõem esse desenvolvimento da porta pra dentro. Nas cidades do interior do Brasil, os equipamentos de lazer público podem estar todos arrebitados, pode não haver asfalto, nem vacina no posto de saúde, nem merenda na escola municipal, mas com um poder de compra minimamente aumentado, a riqueza deste brasileiro era a capacidade de comprar uma antena parabólica.

A antena parabólica, o artefato do qual esse brasileiro anônimo se valerá para ter acesso ao mundo, para se sentir menos escanteado, menos esquecido e, de certa forma, conectado a essa vastidão de outras coisas que não sua própria e amaldiçoada vida. E, quem sabe, talvez ver seu time levantar a taça do Brasileirão.

3. O MICROCOSMO DA MUDANÇA CLIMÁTICA NO ANTROPOCENO EM RIOS VOADORES

A empreitada à qual nos propomos com esta seção em específico é investigar em que medida a narrativa do conto “Rios voadores”, que encerra *Erva Brava*, pode ser interpretado como a construção de um microcosmo que reconta a hecatombe ambiental da mudança climática terrestre enquanto resultado do Antropoceno. Ou seja, o evento de extinção em massa levado a cabo pela espécie humana.

Impacto ambiental este causado sobremaneira por aqueles cujos patrimônios ultrapassam a marca dos bilhões, de dólares, reais, ou qualquer moeda que o valha. E cujo dano ecológico é equivalente ao tamanho de suas fortunas, igualmente gigantesco. Bilionários e sua insistência sádica e maníaca em manter funcionando, mesmo que de forma débil, as engrenagens da sociedade industrial gerida pelo modo de produção capitalista. Mesmo que o custo seja altíssimo, incalculável até, pois é a biodiversidade do planeta que, através da evolução por seleção natural, levou milhões e milhões de anos para se desenvolver.

Para nos ajudar nas reflexões que estão porvir a esse respeito, selecionamos alguns textos de apoio, quais sejam: *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*, de Jonathan Crary; *Comunismo de luxo totalmente automatizado*, de Aaron Bastiani; e *Enfrentando o Antropoceno: capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre*, de Ian Angus.

3.1 Rios Voadores: a tempestade que a tudo arrasta

Uma nuvem negra assoma por sobre as cabeças dos habitantes de Buriti Pequeno, um mau agouro, um presságio de morte. O mundo vai se esvaír em água. Mas esse rio que o vento traz não é de todo mau, isto é, não veio para esse mundo com a única missão de fazer o mal; pelo contrário, é um fenômeno de todo natural. O que preocupa a todos, e será o motivo de sua ruína, é a intensidade sem igual com que a chuva haverá de se abater por sobre o chão, encharcando-o como nunca antes e fazendo com que a terra deslize, desprendendo-se da pedra que repousa por debaixo.

Para que alarguemos nosso conhecimento, e tenhamos a verdadeira dimensão do que está em jogo na narrativa do conto, é preciso averiguar o que vem a ser o tal

fenômeno dos Rios Voadores. A massa vegetal colossal que se concentra na floresta amazônica forma nuvens tão espessas que, postas juntas, carregam mais água em forma de vapor do que o fluxo do próprio Rio Amazonas. Depois de concentrada nas nuvens acima da floresta, toda essa umidade é transportada para outras regiões da América do Sul, como o Sudeste do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. O que, por fim, garante a frequência das precipitações pluviométricas nessas regiões. As grandes distâncias, bem como a escala com que o deslocamento dessas enormes massas de ar se dá, faz jus ao nome Rios Voadores (RIOS VOADORES, 2024).

A chegada desse volume estupendo de água é narrada por Paulliny Tort da seguinte forma:

Na lama que desce o morro da baleia, vemos insetos que esperneiam, pedaços de pequenos bichos, patas articuladas, asas translúcidas, antenas, ossos, carcaças de passarinhos. (...) Sem trégua, durante três dias e três noites, a chuva caiu, encharcando a mata e a cidade, encolhendo os pássaros nos ninhos, enchendo as estradas de sapos que cantam ao dilúvio. (...) é de velocidade impressionante, a enxurrada. Arrasta cobras, pacas, escorpiões, manobra por entre os troncos das árvores, desvia das rochas, arranca a terra crua do chão. Aonde tem tanta urgência de chegar, não sabemos (TORT, 2021, p. 92).

O cenário que se descortina perante os olhos do leitor é uma amálgama disforme, o marrom da lama interrompido aqui e acolá pelos membros decepados de tantos bichos graúdos e miúdos, que pereceram diante do mesmo destino que por sobre todos ali se abate, de serem arrastados pelas águas e arrancados desta vida inclemente.

O que Paulliny Tort achou por bem fazer em sequência é um verdadeiro Catálogo das Espécies. Como o Catálogo das Naus da *Iliada*, só que reverso. O que perturba a razão do leitor é que a autora apresenta todas essas espécies, como que em desfile diante de nossos olhos, apenas para que morram todas numa vala comum, cova não marcada para que não haja peregrinação, choro ou lamentação. Que rostos são esses que boiam, parcialmente submersos, com olhos vidrados por sobre a água fétida e envenenada?

O Catálogo das Espécies é como uma Arca de Noé ao contrário. O evento de extinção em massa é apresentado como a imagem do Antropoceno. Marca-se não as espécies que serão salvas do dilúvio, mas as que já fazem parte da lista interminável das coisas todas que, indiscriminadamente, foram engolfadas pela tragédia. Já não há templos

milenares, tudo deve ser substituído antes que qualquer coisa tenha tempo para ser envolvida pelo mato, abandonada, esquecida e, por fim, se torne antiga. Tudo que é sólido desmancha no ar. Tudo é descartável, pois fácil e rapidamente se torna obsoleto, até mesmo a matéria orgânica em forma de bicho, dispensáveis seres vivos. Há que se dizer, o Antropoceno se apresenta aqui numa de suas vertentes mais danosas: a diminuição vertiginosa da biodiversidade do planeta.

3.1.1 *O Dilúvio enquanto personagem*

Parte importante da argumentação que pretendemos desenvolver aqui é que o Dilúvio que se abate por sobre Buriti Pequeno pode ser considerado um personagem do conto, inclusive apresentando algumas características típicas de um personagem humano, como outro qualquer. Quais sejam as características, por exemplo: o deslocamento físico no espaço do conto, como se o Dilúvio viesse andando desde o Morro da Baleia, onde começa a arrancar árvores e remexer a terra, desfazendo tudo que vê pela frente, até passar por toda a cidade de Buriti Pequeno, instaurando a calamidade na vida de seus habitantes e devastando-a por completo.

Para todos os efeitos, o Dilúvio deve ser interpretado enquanto alegoria da hecatombe ambiental ocasionada pela mudança climática. Essa ameaça iminente que por sobre nossas cabeças assoma, em todos os sentidos que se possa imaginar. Sobremaneira por se tratar de uma ameaça um tanto quanto disforme, que se transfigura numa coisa noutra. Uma ameaça que passa de todo despercebida, a respeito da qual a gente comum pouco ou nada pensa, mas que de fato só passará a ocupar suas mentes quando for tarde demais, quando já estiver ela franzindo o cenho e mostrando seu rosto carrancudo no horizonte.

À medida que o Dilúvio se adensa, a chuva não arrefece. Pelo contrário, as nuvens acima da cidade se tornam cada vez mais negras, assumem um tom de negro ainda mais profundo. Cada passo dado pelo Dilúvio em direção ao centro de Buriti Pequeno é um passo em direção à escuridão, em verdade é um passo que adensa a escuridão, que aumenta a fúria da tempestade que por sobre aquele lugarejo afastado e esquecido se abate.

Há que se considerar também que um dos elementos que mais se destaca, enquanto personagem, ousamos dizer, é o próprio Dilúvio que se apresenta enquanto evento disruptivo. Entrando nesse mérito, portanto, é preciso tecer alguns comentários para o melhor entendimento da expressão “evento disruptivo”.

Ao invés do que costuma pensar a maioria das pessoas, a mudança climática não se dará sem que a percebamos, no sentido de que ela supostamente se desenrolaria durante muitíssimo tempo, tão devagar que a percepção humana não seria capaz de detectá-la. Tendo aqueles que no futuro herdarem o planeta apenas que lidar com uma situação já instalada. O fato é que a mudança climática é o resultado de todas as nossas ações individuais, quando coletivamente e em sua totalidade consideradas, inseridas ainda no contexto de um modo de produção que espera crescimento econômico e prosperidade infinitas mesmo sendo evidente que os recursos do planeta são finitos. Ou melhor, a mudança climática é o resultado das ações daqueles que têm poder político e econômico para decidir o que é feito para mitigar suas repercussões e o que não é feito, ou seja, quando se trata de um problema cuja única solução é dar de ombros.

Pois bem, prossigamos. A ideia do evento disruptivo é que, sim, a mudança climática haverá de acontecer de maneira progressiva e com lentidão, prolatando-se no futuro indefinidamente. Contudo, haverá também uma série do que se pode chamar de eventos disruptivos, ou seja, eventos cataclísmicos tão poderosos que alterarão a vida na Terra como a conhecemos, deslocando forçosamente vultosas populações humanas, transformando-as em refugiados climáticos.

Para ilustrar essa situação, eis um exemplo eloquente. É de conhecimento geral, para não dizer público e notório, que o nível do mar tem aumentado ao redor do mundo em razão do derretimento das calotas polares. Esse desprendimento de enormes massas de gelo, que antes estavam aprisionadas aos polos, ameaça cidades litorâneas com alagamentos sem volta, que tornarão inabitável grande parte de sua malha urbana. Dando tempo ao tempo, é de se supor que inúmeras cidades litorâneas se encontrarão submersas por completo no futuro. Mas isso é um problema com que apenas as gerações futuras terão que lidar, correto?... Não é bem assim. Mesmo que essa seja uma realidade com a qual haveremos de lidar apenas várias décadas, quiçá séculos, no futuro, ainda assim é preciso supor que, entremeados nesse mar de previsibilidade, haverá ilhas de imprevisibilidade, rompantes de mudança repentina, eventos disruptivos.

Ou seja, um alagamento rápido demais para que os governos possam contornar emergencialmente, ou mesmo mitigar seus efeitos a curto e médio prazo. À moda do que ocorreu no Rio Grande do Sul no primeiro semestre deste ano de 2024. O alagamento era de todo evitável, vide a situação das comportas de proteção, que tinham por função impedir que a água do Rio Guaíba avançasse em direção à cidade. Bem como a falta de manutenção adequada das bombas hidráulicas, que tinham por objetivo bombear parte do fluxo d'água, para que o nível do rio se mantivesse manejável. O alagamento era evitável, isto tornou-se certo ao analisar a situação retrospectivamente, mas o que de fato se deu é que grande parte do estado foi devastado pelas águas, inclusa a capital Porto Alegre.

O que se pretende sustentar aqui é que, por pior que tenha sido, o evento não tornou a vida completamente insuportável para a população gaúcha, nem transformou o estado do Rio Grande do Sul numa terra de ninguém inabitável. Contudo, as condições são tamanhas em termos de perdas materiais e os eventos (disruptivos ou não) vão se acumulando ao longo do tempo de tal maneira, que para muitos sequer faz sentido voltar a morar em certas localidades, as mais afetadas. O que fazem é abandonar suas casas, não há nada pelo que retornar, não há o que recuperar, o estrago já foi feito e tudo se perdeu.

Paciência tem limite, assim como a capacidade das pessoas de reconstruir e refazer a própria vida. Não é fácil se reerguer quando o golpe devastador que te leva à lona se repete a cada três meses. Os prognósticos apontam que a população do Rio Grande do Sul diminuirá, o que já era uma tendência perceptível, como aponta o censo de 2022, cujos dados foram coletados a partir da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, que evidenciou o encolhimento da população do referido estado da federação. E qual foi o destino desses gaúchos?... Emigraram em quantidade considerável para o Oeste catarinense, região do Brasil que tem demonstrado prosperidade notável, assim como índices de desenvolvimento humano e qualidade de vida invejáveis, em razão do avanço do agronegócio e a movimentação de capital financeiro que ele traz a reboque.

3.1.2 As evidências textuais da personificação do Dilúvio

O Dilúvio, personificado com atributos humanos, nos faz, enquanto leitores, ter uma visão mais abrangente e panorâmica dos acontecimentos. O mundo vai se esvair em água. A enxurrada, implacável chuva com rosto de gente, não faz distinções; a água

que desfaz tronco e pedra, telhado e torre, chegará a todos. E, independente de quem seja, com seus passos de gigante, haverá de arrastar tudo que um dia foi bom e verde para a população de Buriti Pequeno.

Há que se considerar, logo de antemão, que o que estamos aqui nomeando por “Dilúvio”, apenas com o objetivo didático de que seja mais fácil visualizar o trajeto percorrido durante a ação narrada no conto, é na verdade referido por alguns outros nomes durante o texto, como “a água” ou “a enxurrada”, entre outros. Pela natureza multiforme da água, que adquire a forma daquilo que a contém, até que o recipiente que a continha não é mais capaz de fazê-lo e ele, por fim, transborde ou extravase, haveremos de considerar isso tudo como uma coisa só: o Dilúvio. Assim mesmo, com “D” maiúsculo. Um fenômeno multifacetado, isto é certo, e que, por isso mesmo, assume várias formas ao longo do conto. Haveremos de tratar todos esses termos como uma coisa só, ou melhor, todos esses termos serão tratados como as manifestações de um mesmo fenômeno.

Mesmo que enfileire seus passos de gigante, um pé após o outro, qual titã desgovernado vagando a esmo, ainda assim a impressão que crescerá no coração dos leitores desavisados é a de que “Aonde (o Dilúvio) tem tanta urgência de chegar não sabemos” (TORT, 2021, p. 92). Eis então o primeiro e talvez mais ilustrativo exemplo da personificação do Dilúvio enquanto personagem. O que ocorre logo no início do conto “Rios voadores”, ao final de seu primeiro parágrafo, em que já resta evidenciado seu rastro de destruição, ao incluir tantas espécies na massa amorfa e anônima de lama.

Outro exemplo dentre os que corroboram a ideia de que o Dilúvio é personagem, mas também que, por tabela, evidencia que ele possui deslocamento espacial na geografia do conto, é o seguinte trecho: “Ninguém sabe que a enchente é só o começo e que a tromba d’água vem descendo a corcova do morro, mas Zezinho pressente que algo está para acontecer e gargalha de felicidade, chega a verter lágrimas” (TORT, 2021, p. 93). Em momento posterior nos debruçaremos sobre a questão do personagem Zezinho, inclusive a curiosa escolha da autora de ser ele o único personagem nomeado no conto. Por enquanto, o que nos interessa aqui é perceber que, a partir desse trecho, pode-se depreender que outro nome usado para se referir ao Dilúvio é “tromba d’água”.

Procedemos então por apresentar quais os outros trechos da narrativa levada a cabo pelo conto que identificam o personagem Dilúvio por meio de outra nomenclatura.

Esses termos servem para nomear, em relação de equivalência, o personagem Dilúvio. Senão vejamos:

E na descida a enxurrada arrasa as duas granjas, a de porcos e a de galinhas, dissolvendo-as como se fossem açúcar. As granjas e tudo o que havia nelas, bichos, merda e gente. Quando a enxurrada que desce o Morro da Baleia encontrar o Amanaçu, os espíritos não se lembrarão de nós” (TORT, 2021, p. 94).

Pois bem, o que Tort pretende apresentar ao leitor nesse trecho em específico é que, a indefinição de forma e cor da lama, faz com que o marrom de tudo se junte à enxurrada. Eis então outro nome para o personagem Dilúvio: “a enxurrada”. Ao fim e ao cabo, a ideia que Tort passa a perpetrar é a de que, antes que tudo acabe, tudo que habita o lugarejo de Buriti Pequeno haverá de se amalgamar numa coisa só, numa massa amorfa de anonimato, que passará a residir por debaixo da incerteza do marrom da lama. Juntam-se ao marrom da lama os dejetos de galinhas e porcos, a própria imundície do chiqueiro. Assim que “a enxurrada” encontrar com o fluxo do rio Amanaçu, de águas já turvadas pelo mesmo marrom, não haverá alternativa a não ser despedir-se de tudo que um dia se conheceu, de tudo que um dia pareceu familiar.

“Não há o que fazer além de esperar. Até que se ouve o rumor da água, a fúria com que invade a vila, um terremoto, e todos correm às janelas para saciar aquela sede estranha de desgraça, ainda que dessa vez sejam eles mesmos os desgraçados” (TORT, 2021, p. 94). Tem princípio o fim derradeiro de Buriti Pequeno. A autora deixa escapar mais um dos nomes através do qual renomeia o Dilúvio, qual seja, “a água”. Curioso perceber que é esse um dos nomes que a autora usa para fazê-lo, porque ao fazer referências apenas à “água”, isso soa aos ouvidos do leitor atento como algo inevitável. O leitor não se deixa enganar, sabe que ao falar de Dilúvio se trata de um evento disruptivo, de um fenômeno natural catastrófico, de proporções homéricas, quase que um evento cataclísmico. Contudo, ao etiquetar o Dilúvio apenas com a alcunha de “água”, talvez a ideia que se pretende expressar é a de que a destruição causada pela água, a partir do momento em que transborda, é inevitável. Justamente por ser essa a natureza da água: não ser contida, a partir do momento em que extravasa seu recipiente.

Outras alcunhas por meio das quais a autora renomeia o Dilúvio são: “tromba d’água” (TORT, 2021, p. 96) e “tempestade” (TORT, 2021, p. 98). O que nos traz a talvez

os dois exemplos que, em conjunto, mostram-se os mais eloquentes dentre esses novos nomes recebidos pelo Dilúvio. Senão vejamos:

Constatarão estupefatos que, à exceção da igreja dos pretos, não há mais nada. Apenas um único e imenso rio, onde Zezinho boiará e gargalhará com os olhos vidrados e a boca cheia de dentes apodrecidos. De um lado a outro do vale, a água se estenderá turva. E o padre desconcertado dirá que talvez a cidade tenha se redimido. (TORT, 2021, p. 98).

Nesse trecho em específico, percebe-se que Tort se utiliza de duas referências distintas, quais sejam: “rio” e “água”. Desta forma, há de se notar a transformação derradeira do Dilúvio que, por sua natureza multiforme como uma das faces que a água pode assumir, tanto choveu e trovejou que, ao juntar-se em águas com o Amanaju, por fim tornou-se também rio. A propósito, cremos ser a menção que se faz a “de um lado a outro do vale” um dos argumentos mais pujantes que confirmam a condição de personagem de que goza o Dilúvio. É essa uma de suas principais características: ser capaz de realizar deslocamento físico e espacial no cenário do conto. Ao fim e ao cabo, o que se percebe a partir da leitura atenta do conto é que: a água retorna à água e, no meio do caminho, estavam as vidas da gente de Buriti Pequeno.

4. COMO PODE SER DEFINIDO O ANTROPOCENO?

Antropoceno é um conceito que pegamos emprestado da Geologia. Podendo, então, se considerar que o presente trabalho monográfico flerta com a interdisciplinariedade. Pois bem, os geólogos são cientistas cujo campo de estudo envolve sobretudo formações rochosas. A Geologia organiza a história natural do planeta no que se convencionou chamar por “eras geológicas”. As eras geológicas perfazem o todo da idade da Terra e são separadas de acordo com as condições climáticas que apresentam.

Exemplos dessas condições climáticas que se pode citar são: temperatura média, bem como oferta de oxigênio (em abundância ou em escassez) etc. O que pode ser deduzido a partir de escavações das camadas de rocha que se sedimentam e repousam por debaixo da superfície do planeta Terra. Desta feita, o Antropoceno nada mais é do que uma dessas eras geológicas, a mais recente. Isto é, aquela que é definida sobremaneira pela ação da espécie humana e, por consequência, a utilização exacerbada dos recursos naturais finitos disponíveis no planeta.

Para o melhor entendimento do conceito de Antropoceno, cabe nos valermos dos ensinamentos encerrados no livro *Enfrentando o Antropoceno*, do intelectual ecossocialista canadense Ian Angus. Senão vejamos:

O termo Antropoceno (...) sugere que a Terra já saiu de sua época geológica natural, ou seja, o atual estado interglacial chamado Holoceno. As atividades humanas se tornaram tão disseminadas e intensas que passaram a rivalizar com as grandes forças da natureza e estão levando a Terra rumo a uma terra incógnita planetária. O planeta está se movendo depressa na direção de um estado com menor diversidade biológica, com menos florestas, muito mais quente e provavelmente mais úmido e tempestuoso (STEFFEN, CRUTZEN E MCNEIL apud ANGUS, 2023, p. 33).

Ora se não é o Dilúvio nos Rios Voadores de Tort o rosto que se dá com o objetivo de personificar esse clima tempestuoso que haverá de tomar conta do planeta sob a égide do Antropoceno?... Mas essa é apenas uma provocação, retornemos à análise mais detida. Apesar de o presente trabalho pretender-se em alguma medida interdisciplinar, deve ser considerado um trabalho sobre literatura brasileira contemporânea, e não sobre geologia. Dessa maneira, devemos nos ater ao conceito de Antropoceno apenas na medida em que ele serve para deslindar os fenômenos literários que se pode observar a partir da leitura do conto “Rios Voadores”.

Ao fim e ao cabo, o que é essencial para o nosso entendimento do que vem a ser o Antropoceno, no escopo deste trabalho, é que só se pode entender seu conceito quando em contraposição a outra era geológica, chamada Holoceno. Ou seja, a ação humana e a pressão que ela impõe sobre o mundo natural do planeta já é tamanha que agora rivaliza com as próprias forças da natureza, no sentido de ser capaz de decretar o fim de uma era geológica e o início de outra, modificando por completo o sistema climático ao redor do globo.

Percebe-se, então, que a Terra vinha num processo natural, que era o Holoceno. Ou seja, há períodos de glaciação e períodos de aquecimento, em que a temperatura média do planeta se torna mais elevada. É este um processo natural, essa alternância. O período em que estávamos, que nos era familiar por nos ter acompanhado durante a maior parte da existência da espécie humana no planeta, e que se manteve estável até a metade do século XIX, é o Holoceno, um período entre glaciações.

Ou seja, durante quase toda nossa existência no planeta enquanto espécie, que coincide em grande parte com o Holoceno, gozamos de um clima estável, nem frio demais, nem quente demais. O que propiciou a revolução do Neolítico: a passagem da espécie humana da condição de caçadores-coletores para a condição de indivíduos sedentários, que estabeleceram morada num único lugar e passaram a praticar tanto agricultura quanto pecuária (domesticação de animais) e puderam aproveitar todas as benesses em termos de consumo diário de calorias que delas adveio. É essa uma das principais razões de nosso sucesso enquanto espécie, o trunfo que fez com que a espécie humana se espalhasse por todo o planeta.

No entanto, o delicado equilíbrio dinâmico de forças que era o Holoceno se rompe com o advento da civilização industrial regida sob a batuta do capitalismo. É inaugurado então o Antropoceno. O recrudescimento desse processo de degradação ambiental, que estreita as nossas possibilidades de vida e sobrevivência no planeta é o que vamos analisar com maiores detalhes no próximo tópico, ao abordarmos a Grande Aceleração.

4.1 A Grande Aceleração

A maioria dos geólogos identifica como pedra fundamental do Antropoceno a Primeira Revolução Industrial, em meados do século XIX na Grã-Bretanha. É esta a linha imaginária a partir da qual se pode traçar a divisão entre as duas eras geológicas supramencionadas, Holoceno e Antropoceno.

A invenção do motor a combustão interna, a vapor e abastecido por carvão mineral, fez com que as locomotivas cortassem as vastas paisagens, acompanhadas de sua sempre crescente coluna de fumaça. Em momento posterior procedeu-se pela transição energética, e o motor a combustão interna passou a ser movido a combustíveis fósseis (gasolina, diesel, derivados de petróleo), o que propiciou que o asfalto e o modelo do carro pessoal tomassem conta de nossas vidas e modificassem a arquitetura das grandes cidades ao redor do mundo. O engarrafamento, repleto de automóveis quase que sempre parados e seus respectivos escapamentos tabagistas, se juntou ao teatro do mundo. Essas invenções, e por tabela suas respectivas repercussões, iniciaram a escalada na emissão de gases de efeito estufa. E, de toda forma, vêm contribuindo desde então para a mudança climática, em específico na sua vertente mais problemática, o aquecimento global.

Da mesma maneira que os geólogos identificam, quase que em uníssono, o início do Antropoceno como a Primeira Revolução Industrial, parece também aos estudiosos daquele campo das ciências naturais, a Geologia, que, a partir da década de 50 do século XX, há um aumento acelerado do nível de consumo dos habitantes de países desenvolvidos, das taxas de emissão de gases do efeito estufa, da porcentagem de espécies (tanto vertebrados quanto invertebrados) ameaçadas de extinção etc. Sendo essas algumas das variáveis, que se pode citar, que contribuem para o recrudescimento do aquecimento global e o estabelecimento da mudança climática como um caminho sem volta. O quadro que se pinta diante de nossos olhos é desanimador, para dizer o mínimo.

A piora exacerbada desses indicadores, num curtíssimo período de tempo, se considerada a escala das eras geológicas, chamou-se de a Grande Aceleração. E quais as características desse fenômeno?... Dentre as que já foram citadas, pode-se reiterar as taxas de extinção que vêm aumentando vertiginosamente, tanto em ecossistemas marinhos quanto terrestres. É este, portanto, o primeiro grande evento de extinção causado exclusivamente pela ação de uma espécie biológica (*homo sapiens*). Nosso impacto na biodiversidade do planeta é comparável a eventos cataclísmicos como a queda do asteroide que extinguiu os dinossauros, na península de Yucatán, onde hoje está localizado o México. Calcula-se que entre 10% a 30% das espécies de mamíferos, aves e anfíbios estão ameaçadas de extinção (ANGUS, 2023).

A Grande Aceleração é a prova cabal da loucura que é dobrar a aposta no capitalismo tardio como modo de produção, sobremaneira ao se perceber o declínio da variabilidade e diversidade da vida no planeta. O impacto do trabalho e consumo humanos, impulsionado por um sistema capitalista que tem por premissa a ilusão do crescimento infinito inserido no contexto de um planeta com recursos tão evidente e incontornavelmente finitos, está nos levando a passos largos à beira do abismo.

Nosso argumento literário, ao trazer à tona toda essa discussão a respeito do Antropoceno e da mudança climática em si, é que um livro como *Erva Brava* só pode ser o produto de seu tempo. Sobremaneira no sentido de que a temática, os cenários, e a destruição das coisas todas, que é sugerida de maneira já não tão velada a partir da leitura do conto “Rios Voadores”, só é possível num mundo em que a Grande Aceleração é a realidade em que se vive. Reforçamos o argumento: o Dilúvio que está presente nos Rios Voadores de Tort é a corporificação, qual titã desgovernado, da mudança climática ensejada pelo Antropoceno.

5. ZEZINHO E A INDIGÊNCIA DE TODOS NÓS

Zezinho é o único personagem nomeado em “Rios Voadores”. Sua figura é um tanto quanto enigmática. Nenhuma fala é posta em sua boca cheia de dentes apodrecidos. Nada além de ódio e a gargalhada diante da destruição de Buriti Pequeno é o que se pode depreender de sua breve participação na ação do conto. Senão vejamos, o primeiro momento em que seu nome é mencionado:

Zezinho, que há pouco tempo era o único mendigo da região, quer mais é que todos se fodam, que a água bote esse povo escroto pra correr. No cemitério, onde ele costuma dormir, à exceção do som da chuva contra as lápides, o silêncio é absoluto. Ninguém sabe que a enchente é só o começo e que a tromba-d'água vem descendo a corcova do morro, mas Zezinho pressente que algo está para acontecer e gargalha de felicidade, chega a verter lágrimas (TORT, 2021, p. 93).

Numa primeira leitura apressada, pode parecer ao leitor que Zezinho nada mais é do que um personagem que serve para manifestar esse ódio cego dos invisíveis para com aqueles que teimam em não ver. O êxtase de Zezinho, no entanto, se dá com o advento de uma espécie torta de justiça divina, que traz uma punição indistinta vinda dos céus e nivela a todos por baixo, todos rente ao chão, atados a uma situação de indigência e mendicância forçadas.

Justiça para Zezinho é quando todo mundo se fode, sem distinções. E não apenas ele, para variar. Uma maneira bem irredutível de ver as coisas. O ódio cego que Zezinho nutre pela gente de Buriti Pequeno irrompe em lágrimas incontidas, seu dia de catarse chegou. É também o derradeiro, o dia final. Ele quer que todo mundo se foda e não vai se furtar a oportunidade de refestelar-se diante da destruição que dará à vida dos outros o mesmo valor que tem a sua: nenhum.

Contudo, essa é a interpretação óbvia e, diga-se de passagem, um tanto quanto simplória. É preciso ir além, ir além do que está na superfície do texto. O que verdadeiramente nos interessa aqui a respeito de Zezinho é o que repousa por debaixo da superfície do personagem, o que está em seu subterrâneo.

A escolha de Tort é inusitada e logo chama a atenção do leitor atento. Nomear apenas um único personagem no conto “Rios Voadores”, dentre tantos outros que são

mencionados, como o padre ou mesmo as várias pessoas que vão se refugiar na parte mais alta da cidade, em que fica localizada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; não é atitude qualquer. Tort achou por bem nomear a indigência. Zezinho é, nesse sentido, o futuro trágico que paira por sobre as cabeças de todos os sobreviventes. A verdade que não querem reconhecer, nem ousam dizer em voz alta. A verdade que fala alto através de suas bocas mudas: com a destruição de Buriti Pequeno, todos estarão na mesma situação que Zezinho, a mendicância, a indigência.

Creemos ser essa uma escolha intencional da autora e, ousamos ir além, ao afirmarmos que, coadunando com nossa interpretação da obra em sua totalidade, sustentamos que o fato de Zezinho ser o único personagem nomeado é uma sutil, porém eloquente, colocação que faz a autora. A situação em que todos ali se encontram é a de refugiados climáticos.

Forçados ao deslocamento, privados de suas próprias casas, do teto por sobre suas cabeças, desabrigados, perderam tudo que um dia conheceram. O signo que está marcado em suas testas é o da indigência. É o não nomear nomeando. Ao escolher a alcunha de Zezinho para esse personagem, o único nomeado, Tort decide revestir com uma película de anonimato a cidade de Buriti Pequeno, para todos os efeitos a cidade dos Zé-ninguém. Não há nomes nessa tragédia, ao menos não nomes que merecem ser ditos. É tão insignificante aquele lugarejo que logo haverá de desaparecer e ser esquecido. Não restará nem a lembrança.

5.1 Não há redenção: o ponto de não retorno e a impossibilidade de salvamento

A materialidade do texto do conto “Rios Voadores” nos faz confrontar a realidade de quão inclemente pode ser a vida. Não há redenção! Ninguém haverá de salvar Buriti Pequeno, não há quem possa. O tempo para fazê-lo já passou, é tarde demais e tudo se perdeu. O que deslinda uma face da vida moderna que é bem sintomática dos tempos em que vivemos. Aos quatro cantos foi feito o alerta do fim iminente, a mudança climática, sem dúvida (a não ser a dúvida dos negacionistas mais variados), deteriorará as condições de vida no planeta a um ponto sem volta, a um ponto de não-retorno.

Ainda assim permaneceremos alimentando nossas vãs ilusões de que não há por que se preocupar, afinal alguém haverá de nos resgatar. Algum bilionário vai criar

uma incrível invenção que resolverá todos os nossos problemas e nos salvará das repercussões mais vis da mudança climática, como o aquecimento global. E assim a vida pode continuar na toada de uma aparente normalidade, repleta de tensão.

O fato incontornável é que problemas coletivos não podem ser solucionados com mudanças de atitudes individuais. Não importa quantas garrafas PET você recicle, se há uma ilha de plástico flutuando no Oceano Pacífico. O problema não será solucionado até que se repense o modo de produção; ou seja, nesse caso, até que as empresas cessem a fabricação de embalagens com plástico. Ou a solução será coletiva, ou ela não será solução. E o problema se estenderá, se arrastando indefinidamente, até um ponto de não-retorno. Até um ponto em que as repercussões da mudança climática assumam uma proporção tamanha que deixem de ser reversíveis.

A esse respeito, em seu livro *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*, o professor norte-americano Jonathan Crary, faz um exercício de futurologia:

A civilização industrial moderna está prestes a incendiar o mundo. A erradicação de formações sociais e comunidades está entrelaçada com a extinção do sistema terrestre vivo de que os bens comuns humanos dependem. Vivemos agora o capitalismo em sua fase terminal de terra arrasada. (...) Em um sentido amplo, a terra arrasada significa a redução de uma região próspera a um estado de esterilidade e a perda de sua capacidade de regeneração. Trata-se de uma terra depauperada e privada de água, com seus rios e aquíferos envenenados, seu ar poluído e seus solos afligidos por secas e pela agricultura química. (...) Isso acontece com extrema violência no sul Global, onde a extração, o desmatamento e ao despejo de substâncias tóxicas criam lixões inabitáveis e cidades em que os pobres, desesperados, se tornam exilados internos” (CRARY, 2021, p. 59).

São soturnas e melancólicas as cores com que Crary pinta o futuro. Em verdade, a nós nos parece que o porvir pode ser resumido à expressão da qual ele se utiliza ao final do trecho colacionado acima. Seremos todos, se é que já não o somos, “exilados internos”, presos num planeta insalubre e que não tem substitutos. Não há Terra II para onde fugir, em brilhantes e aerodinâmicas naves espaciais; esse futuro prateado de exploração espacial é coisa do passado, só sobrevive em filmes hollywoodianos.

Mas esse é o macrocosmo da questão, voltemos novamente nossa atenção ao microcosmo. Cremos que devemos ainda despende um par de palavras a respeito do

lugarejo batizado de Buriti Pequeno. Afinal de contas, que fim levou Buriti Pequeno engolida pelas águas? Acompanhem as palavras que Tort posicionou no parágrafo final de “Rios Voadores”:

Pela manhã, quando o sol se levantar, abrirão as portas da igreja e descobrirão que todas as casas desapareceram. E todas as lojas, a praça, o coreto. Verão que não existe mais mercado, rodoviária, hospital, calçamento. Constatarão estupefatos que, à exceção da igreja dos pretos, não há mais nada. Apenas um único e imenso rio, onde Zezinho boiará e gargalhará com os olhos vidrados e a boca cheia de dentes apodrecidos. De um lado a outro do vale, a água se estende turva. E o padre desconcertado dirá que talvez a cidade tenha se redimido. Já não existe Buriti Pequeno. E somente nós, eu e você, saberemos: daqui em diante será como se nunca houvesse existido (TORT, 2021, p. 98).

A declaração do padre é das mais importantes. “E o padre desconcertado dirá que talvez a cidade tenha se redimido” (TORT, 2021, p. 98). A sua importância não advém de uma concordância da nossa parte, longe disso. Não coadunamos com tal opinião, decerto que não. Cremos que não houve redenção para Buriti Pequeno. De toda forma, a questão que se impõe aqui é a seguinte: a destruição total que se abateu por sobre Buriti Pequeno é punição adequada? Quais os pecados que essa cidadezinha cometeu para que tenha sido punida assim de maneira tão exemplar?

Essas são perguntas de difícil resposta. No entanto, o que talvez possamos fazer é deslindar as reais intenções por detrás das palavras do padre. Ele parece associar a destruição total da cidade com uma espécie de remissão dos pecados dos habitantes da cidade, sejam eles quais forem. A nós muito mais nos parece que o pecado original de Buriti Pequeno foi simplesmente existir. Foi ter a audácia de ocupar um lugar no mundo, isto é, uma terra que não pudesse ser instrumentalizada por completo pelo agronegócio, curvando as vontades de sua gente a desígnios alheios. Reiteramos, o pecado de Buriti Pequeno foi existir, foi ter se assentado ali, justo entre aqueles dois morros, na fundura do vale que inevitavelmente seria arrastado pelas águas. Só não sabia sua gente que isso haveria de acontecer, não possuía ela o dom da previsão.

Percebe-se, então, que Buriti Pequeno serve de bode expiatório para os erros de outros. O que traça um paralelo com nossa situação global mais urgente. Por exemplo, os países que mais poluem o ar, emitindo gases do efeito estufa, estão localizados na América do Norte, Europa Ocidental e Ásia Central. Já os países que mais sentirão as repercussões da mudança climática, os efeitos incapacitantes da desertificação provocada

pelo aquecimento global estão localizados na África subsaariana, subcontinente indiano e parte da América do Sul. Inclusive já se estima que algumas cidades brasileiras, como Manaus, Belém e São Luís, devem, num futuro não tão distante, ter 200 dias de calor extremo por ano.

Em verdade, a má sorte que por sobre Buriti Pequeno se abateu ressoa muito profundamente em nossas almas. Sobremaneira por ecoar exemplos reais de situações que já aconteceram num Brasil de anteontem. Cidade que sofreu destino quase idêntico ao de Buriti Pequeno foi Brumadinho, em Minas Gerais, soterrada pela lama das barragens de rejeito de mineração da empresa Samarco. De toda forma, a partir da leitura desse último parágrafo da *Erva Brava* de Paulliny Tort, percebe-se que Buriti Pequeno foi escolhida para perder. Buriti Pequeno é a vítima perfeita, para a destruição, para o desaparecimento, para o esquecimento. E, por isso, paga pelos pecados alheios.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como tema e objetivos gerais identificar e evidenciar o estabelecimento de duas vertentes na *Erva Brava* de Paulliny Tort, quais sejam: as temáticas da precarização do trabalho e da mudança climática. Isso se deu a partir da leitura detida e análise minuciosa dos contos “Má sorte” e “Rios Voadores”. A importância desse tema se dá na medida em que as representações artísticas e literárias de nosso tempo se mostram constantemente preocupadas em refletir acerca dos desafios da humanidade para o século XXI. Afinal de contas, não se poderia rotular essa literatura como contemporânea, caso não se debruçasse sobre alguns de nossos problemas mais prementes, enquanto civilização. Desta feita, resta demonstrado a contento que a tratativa da precarização do trabalho, bem como da mudança climática, não são apenas questões incontornáveis, mas também haverão de se firmar nos anos que se seguirão como vibrantes vertentes da produção literária nacional contemporânea.

Algumas sugestões pertinentes para pesquisas futuras, sobremaneira para aquele que deseja se aprofundar na temática da precarização do trabalho, em específico, como uma das direções que a Literatura Brasileira Contemporânea haverá de seguir, seria despender algum tempo com a leitura minuciosa de livros como *Os supridores*, do escritor gaúcho José Falero, que trata de dois trabalhadores que abastecem as prateleiras em um supermercado em Porto Alegre e, em virtude das condições cada vez mais difíceis em que

exercem sua atividade laboral, se voltam para o mundo do crime e do tráfico de drogas. Outra sugestão interessante seria trabalhar a chamada Trilogia do fim, da autora Ana Paula Maia, composta pelos seguintes títulos, em ordem de publicação: *Enterre seus mortos*, *De cada quinhentos uma alma* e *Búfalos selvagens*. O primeiro volume da trilogia apresenta a história de dois motoristas, contratados por uma empresa que lhes incumba da seguinte missão: dirigir picapes em busca de recolher as carcaças dos animais mortos em acidentes de trânsito à beira da estrada.

No mais, continuamos à espera de que Paulliny Tort saia de seu hiato literário já razoável, que dura alguns anos. Desde 2021, ou seja, desde a ocasião da publicação de *Erva Brava*, a autora não mais publicou nenhum outro livro. Cremos que ela terá muitíssimo a contribuir e será uma das vozes principais a lançar as fundações das temáticas da precarização do trabalho e da mudança climática como duas das vertentes mais significativas da Literatura Brasileira Contemporânea nas próximas décadas do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGUS, Ian. **Enfrentando o antropoceno: capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre**. São Paulo: Boitempo, 2023.

ANTUNES, Arnaldo et al. **Vilarejo**. São Paulo: Sony Music Entertainment Brasil: 2017 (4:02 min).

BASTIANI, Aaron. **Comunismo de luxo totalmente automatizado**. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

CHIARELLI, Stefania. Um cerrado de contrastes. **Rascunho o Jornal de Literatura do Brasil**, Rio de Janeiro, edição 263, 1 mar. 2022. Ensaios e Críticas.

CRARY, Jonathan. **24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FISCHER, Luís Augusto. 'Erva Brava' forja narrativas brilhantes sobre gente derrotada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 nov. 2021. Crítica Livros.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

O QUE são rios voadores e qual é a sua importância? **National Geographic Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2024/08/o-que-sao-rios-voadores-e-qual-e-a-sua-importancia>>. Acesso em: 11 de out. de 2024.

TORT, Paulliny. Como nascem os sinos. In: TORT, Pauliny. **Erva brava**. 1ª ed. São Paulo: Fósforo, 2021. p.22 – p.29.

TORT, Paulliny. Má sorte. In: TORT, Paulliny, **Erva brava**.1ª ed. São Paulo: Fósforo, 2021. p. 30-36.

TORT, Paulliny. Rios voadores. In: TORT, Pauliny. **Erva brava**. 1ª ed. São Paulo: Fósforo, 2021. p.92 – p.98.